

As árvores, os humanos, a história e a metodologia do 'jabuti não sobe em árvores'

Gilmar Arruda¹



Figura 1: *La reyna* e *El rey* – Palácio Real de La Granja de San Idelfonso. Fotos: Gilmar Arruda (2022)

Recentemente visitei o Palácio Real da Granja de Santo Idelfonso, na serra de Guadarrama, perto de Madri, construído por Fernando V e Isabel de Farneso, no início do século XVIII. Um 'petit Versalhes', como lhe chamam. Jardins, fontes, plantações belíssimas e uma mirada da serra ainda mais deslumbrante. Uma natureza organizada para deleite dos monarcas e, atualmente, para os turistas que lá vão. Mas tudo isso já é conhecido e divulgado. Chegando na entrada do Palácio, na praça que dá acesso a Igreja, me deparo com algumas árvores gigantescas e esplêndidas. Um cedro do Líbano, *Cedrus libanus*, com 29 metros de altura, com aproximadamente 120 anos de idade, uma faia europeia, *Fagus sylvatica*, com 26 mts de altura e cerca de 160 anos e duas sequoias gigantes, *Sequoiadendron giganteum*, uma com 46 e outra com 41 metros de altura.

¹ Doutor em História. Pesquisador colaborador UP-CITCEM. Programa de Pósgraduação em História – UEM (Universidade Estadual de Maringá). Professor aposentado do Departamento de História -UEL (Universidade Estadual de Londrina). email: garruda@uel.br

Ambas com aproximadamente 150 anos de idade. A maior é nomeada como *La reina* e a menor de *El rey*. Pelas informações existentes houve uma queda de uma outra árvore ‘quebrando’ uma parte de *El rey*. March Bloch dizia que um historiador se assemelha ao ogro, ‘onde fareja carne humana sabe que lá está sua caça’. Os humanos, como se sabe, deixam seus rastros e seu cheiro por onde passam, nas estradas, muros, pontes e casas que constroem, nas igrejas que erguem, nos papéis e pinturas, nas cercas e nas terras aradas, enfim, em tudo o que toca e transforma lá está o seu registro e o historiador o fareja. A história ambiental trouxe para as habilidades de caça do ogro algumas pistas a mais. Aprendeu também com colegas de outras áreas, como a botânica, a farejar o humano onde aparentemente só se via natureza. Assim, sabemos que as sequoias e cedros não são nativos da Serra de Guadarrama. São árvores majestosas e podem viver mais alguns milhares de anos. Os cedros, são como o próprio nome indica, das montanhas do Líbano, ocorrendo em outras partes montanhosas do mediterrâneo do sul. Alguns poucos remanescentes de cedro, no Líbano, possuem troncos com 14 mts de diâmetro e mais de 2000 anos. As sequoias são originárias da América do Norte, da Califórnia. Uma delas, a General Sherman, possui cerca de 100 mts de altura e 2700 anos. Uma vez ogro, sempre ogro, e aqui entra a metodologia do ‘jabuti não sobe em árvores’ completando, de certa forma, o pensamento de Bloch. Pois se o jabuti está na árvore alguém o colocou. Essas árvores foram plantadas em um jardim de um palácio real e, sabe-se, que nada acontece em um palácio sem o conhecimento ou ordem dos reis. Se essas árvores lá estão alguém decidiu que lá estariam. Por que essas espécies de árvores e não outras? São majestosas, disse, mas seriam as árvores monarquistas? Associar aquelas árvores, *El rey* e *La reyna*, os reis de então, imaginavam perpetuar seus nomes pelos milênios que elas vivessem. Relações simbólicas de humanos com o mundo natural. Um dos temas da história ambiental. Mas essas árvores merecem mais dos historiadores. Será um desafio saber de suas origens, de seus cuidadores, das formas e técnicas de seu plantio, de suas doenças, dos desastres que as atingiram, das outras mudas que não sobreviveram. Ainda mais, que apesar serem da mesma espécie das originárias, do outro lado do Atlântico, ou do Mediterrâneo, talvez sejam diferentes: rizomas, climas, solos, micronutrientes as teriam modificado? Por isso tudo, essas árvores merecem uma ‘bio-grafia’. Alguém irá se aventurar?

REFERÊNCIAS:

BLOCH, M. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. RJ: Jorge Zahar Ed., 2001.

SOLÓRZANO, Alexandro, OLIVEIRA, Rogério Ribeiro de e GUEDES-BRUNI, Rejan Rodrigues. Geografia, história e ecologia: criando pontes para a interpretação da paisagem. *Ambiente & Sociedade* [online]. 2009, v. 12, n. 1 [Acessado 18 Maio 2022], pp. 49-66. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-753X2009000100005>>. Epub 24 Nov 2009. ISSN 1809-4422. <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2009000100005>.

WINIWARTER, Verena. Abordagens sobre história ambiental: um guia de campo para seus conceitos. *Abordagens geográficas*. São Paulo/Rio de Janeiro/Belo Horizonte. V. 1, n. 01, out/nov, 2010.. p. 01-21. Disponível em: <http://abordagensgeograficas.geo.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home>

Como citar: Gilmar Arruda - “As árvores, os humanos, a história e a metodologia do ‘jabuti não sobe em árvores’” [Em linha]. Porto: Rede Portuguesa de História Ambiental, 2022. Disponível em <https://www.reportha.org/en/stories/item/705-trees-humans-and-the-history-and-methodology-of-the-tortoise-don-t-climb-trees>